

Expressões do vento: a adaptação de *Cartas a Théo* para HQ

RESUMO

Amanda Bueno de Oliveira
amanda.buo@gmail.com
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil.

A partir dos relatos documentais constantes nas cartas de Vincent van Gogh a Théo van Gogh, este estudo comparado analisa descritivamente de que forma o vento é mencionado pelo pintor holandês no período em que viveu em Arles, no sul da França, durante seus últimos anos de vida, e as representações desse mesmo elemento em Vincent: a história de Vincent van Gogh, HQ de Barbara Stok. As distintas realizações se apresentam como significativas portas de acesso ao pensamento e à arte de produzida por Van Gogh.

PALAVRAS-CHAVE: Vincent van Gogh. Théo van Gogh. Arles. Vento.

INTRODUÇÃO

Segundo filho de Teodoro van Gogh e Ana Cordelia Carbentus, Vincent van Gogh nasceu em 30 de março de 1853, em Zindert, na Holanda. Quatro anos depois, em 1º de maio de 1857, nasceu Theodore van Gogh. Os irmãos tiveram ainda mais um irmão e três irmãs.

A principal e mais fidedigna fonte de informação sobre a vida do pintor pós-impressionista, considerado precursor do expressionismo por suas pinceladas de movimento, são as cartas enviadas a Théo, seu irmão, amigo e financiador. Guardadas por Jo van Gogh-Bonger, viúva de Théo, as 652 cartas foram publicadas em 1914. Destas, foram selecionadas 200 para publicação, em 2002, pela editora L&PM. É com esta edição que este estudo trabalha.

O recorte que aqui se faz compreende os últimos dois anos da vida de Van Gogh, de 1888 a 1890, quando, na França, se mudou de Paris para Arles, depois para Saint-Rémy e, posteriormente, para Auvers-sur-Oise, onde faleceu em 29 de julho, aos 37 anos.

O objetivo é realizar um estudo comparado dos relatos reais de Vincent (Cartas a Théo, 2020) e da HQ Vincent: a história de Vincent van Gogh, escrita e ilustrada por Barbara Stok, traduzida do holandês por Camila Werner, e publicada em 2012, quase cem anos após a publicação das cartas, retratando também o período compreendido entre 1888 e 1890, momento de rica produção do pintor.

O principal elemento, aqui analisado descritivamente, é o vento, que parece ter exercido importante influência nos estudos e nas produções concebidas pelo artista durante o período mencionado.

MEU CARO THÉO

Arles recebe Van Gogh em fevereiro de 1888. Em carta ao irmão, o pintor relata a paisagem avistada durante a viagem de Paris ao sul da França, “com imensas rochas amarelas estranhamente emaranhadas nas formas mais imponentes”. Durante o tempo em que ali permanece, descreve, nas cartas, as formas e as cores das árvores arlesianas, das terras, das montanhas, dos campos, do céu e da neve.

Conta sempre ao irmão sobre seus estudos: uma velha mulher arlesiana, uma paisagem com neve, uma vista de um trecho de calçada com a loja de um salsicheiro, uma campina branca com a cidade ao fundo, “dois pequenos estudos de um ramo de amendoeira já em flor apesar do tempo” (um deles na Figura 1, abaixo), entre tantos outros.

São frequentes ainda os pedidos de tintas de diferentes cores, das quais considerava essenciais o vermelho, o azul, o amarelo, o laranja, o lilás e o verde-cinza. Os quadros resultantes dos estudos eram enviados ao irmão, que dirigia a Casa Goupil, importante galeria europeia de arte, e que posteriormente venderia e exporia os trabalhos de Vincent.

Figura 1 – Flor de amendoeira (1890)



Fonte: Reprodução internet

Em Arles, um nome aparece nas cartas relacionado à ideia de dar vida a uma casa de artistas: é o de Paul Gauguin, também pintor, e amigo de Vincent desde 1886. Com o apoio do irmão, Vincent efetivamente aluga uma casinha amarela, onde recebe o amigo, para dar início ao sonho. É onde mora com Gauguin até o dia do famoso incidente da automutilação.

[...] os artistas não encontrarão solução melhor que a de se juntarem, doar seus quadros à associação, repartir o valor das vendas, de forma que a sociedade garanta ao menos a possibilidade de existência e de trabalho a seus membros. [...]

Gostaria, por várias razões, de instalar uma pousada que, em casa de esgotamento, poderia servir para trazer ao ar livre os pobres burros de carga de Paris, que são você mesmo e muitos de nossos amigos, os impressionistas pobres (VAN GOGH, 2002).

Vincent acreditava na necessidade de criação de “uma nova arte da cor, de desenho e da vida artística”. E isso haveria de acontecer coletivamente. Em março de 1888, o pintor, que já não parecia saudável, passa a relatar um mal-estar no estômago e, até suas últimas cartas, é visível a evolução da debilidade de sua saúde mental e física:

Eu não teria medo de nada se não fosse esta maldita saúde.

E, contudo, estou melhor que em Paris, e se meu estômago ficou muito fraco, este é um mal que eu peguei lá, provavelmente em grande parte por causa do vinho ruim que eu bebia demais. Aqui o

vinho também é ruim, só que eu bebo muito pouco. E o caso é que, quase não comendo, e quase não bebendo, estou muito fraco, mas meu sangue se refaz ao invés de se estragar (VAN GOGH, 2002).

Escreve longas reflexões sobre o sentido da vida, a morte, a crença em uma vida pós-túmulo e, principalmente, em uma nova arte: “Há no futuro uma arte, e ela deve ser tão bela e tão jovem que, na verdade, se atualmente nela perdemos nossa própria juventude, só podemos ganhar em serenidade”.

A solidão perpassou a vida de Vincent desde a infância, quando gostava de passear sozinho pelos campos. Depois, é o irmão quem lhe faz companhia nesses mesmos caminhos. E, com Théo, Vincent caminha até seus últimos dias, ainda que geograficamente distantes. É possível perceber, nas cartas, o amor de Vincent por Théo e o quão significativo para ele era compartilhar com o irmão a intensidade e a especificidade de seus sentimentos: “Gostaria que você passasse algum tempo aqui, você sentiria a coisa ao fim de algum tempo, a vista muda, vemos com um olho mais japonês, sentimos a cor de um modo diferente”, referindo-se à paisagem arlesiana, que em muito fez o pintor se sentir no Japão.

Em 25 de dezembro de 1888, depois de alguns desentendimentos com Gauguin, ocorre o incidente da automutilação. Depois de Vincent apresentar alguns comportamentos pouco usuais, como acordar e caminhar até a cama do amigo no meio da noite, e após alguns desentendimentos entre os dois, ocorre o que relata Gauguin, em seu livro *Antes e Depois*:

Chegando a noite, acabara meu jantar e sentia a necessidade de ir sozinho respirar o ar perfumado dos loureiros em flor. Já atravessara quase inteiramente a praça Victor Hugo, quando ouvi atrás de mim um pequeno passo bem conhecido, rápido e irregular. Virei-me no exato momento em que Vincent se precipitava sobre mim com uma navalha aberta na mão. Meu olhar nesse momento deve ter sido muito poderoso, pois ele parou e, baixando a cabeça, retomou correndo o caminho de casa. [...]

Eis o que se passara.

Van Gogh voltou para casa e imediatamente cortou sua orelha, exatamente na base da cabeça. Deve ter levado um certo tempo para estancar a força da hemorragia, pois no dia seguinte numerosas toalhas molhadas estavam estendidas nas lajes dos dois cômodos de baixo. O sangue sujara dois cômodos e a escadinha que subia para nosso quarto de dormir.

Quando teve condições de sair, a cabeça envolvida por um gorro basco completamente enfiado, foi direto para uma casa onde, na falta de um compatriota, encontra-se alguém conhecido, e deu ao sentinela sua orelha bem limpa e fechada num envelope. ‘Tome’, disse ele, ‘como lembrança minha’, depois fugiu e voltou para casa, onde se deitou e adormeceu (GAUGUIN, 1918 apud VAN GOGH, 2002).

Após o episódio, Vincent foi levado ao hospital. No mesmo ano, Théo organiza a exposição de três quadros e alguns desenhos do irmão no Salão dos Independentes. Vincent volta para casa, mas como as crises continuam, o pintor

decide, em 1889, permanecer internado. Assim, parte para uma clínica perto de Saint-Rémy. Mas as crises o acompanham: “Durante muitos dias estive completamente alucinado como em Arles, se não pior, e é de se presumir que estas crises ainda voltarão no futuro; é abominável”. E, finalmente, decide voltar para o norte, partindo para Auvers-sur-Oise. Embora adoecido, continua produzindo.

Em 1890, nasce o filho de Théo e Jo, que recebe o nome de Vincent, em homenagem ao tio. No mesmo ano, é vendido *A videira vermelha*, único quadro que Vincent vendeu em vida. As crises continuam.

Em 27 de julho, o pintor dá um tiro na barriga. Dois dias depois, em 29 de julho de 1890, Vincent van Gogh morre em Auvers-sur-Oise.

Após a morte do irmão, Théo organiza uma grande exposição dos quadros. Pouco tempo depois, é acometido por uma paralisia e levado para a Holanda. Em 21 de janeiro de 1891, Theodore van Gogh morre na Holanda.

No ano seguinte, Jo van Gogh-Bonger organiza uma exposição de quadros e desenhos de Van Gogh no Panorama de Amsterdam. Em 1914, publica a totalidade das cartas de Vincent ao irmão. Em 2 de setembro de 1925, Jo falece.

O VENTO

Nas cartas, por mais de dez vezes, Vincent menciona um vento específico do sul da França, soprando do norte: é o mistral, um forte vento frio e seco, que incomodava e aborrecia o pintor quando no exercício do labor: “Infelizmente, ao lado do bom deus sol, na maior parte do tempo há este diabo de mistral”.

Mas, já em maio de 1888, o vento arlesiano tem seu efeito e influência reconhecidos pelo próprio Vincent: “acredito contudo que o vento contínuo daqui deva ter alguma responsabilidade no fato de que os estudos pintados tenham esta aparência selvagem”.

Em análise de um dos mais conhecidos e reproduzidos quadros de Van Gogh, “A Noite Estrelada”, pintado em 1889, a artista visual Laura Aidar explica que “a pintura retrata a paisagem da janela do quarto do artista enquanto esteve no hospício de Saint-Rémy-de-Provence”, onde Vincent foi internado por decisão própria.

De acordo com Aidar, as pinceladas em sentido horário conferem ao quadro profundidade e movimento, sendo as espirais características da produção do artista nestes dois últimos anos de vida. “Com movimentos curtos do pincel, o artista constrói um céu inquieto, revelando suas próprias perturbações mentais e traçando um retrato incomum do firmamento”, analisa Aidar.

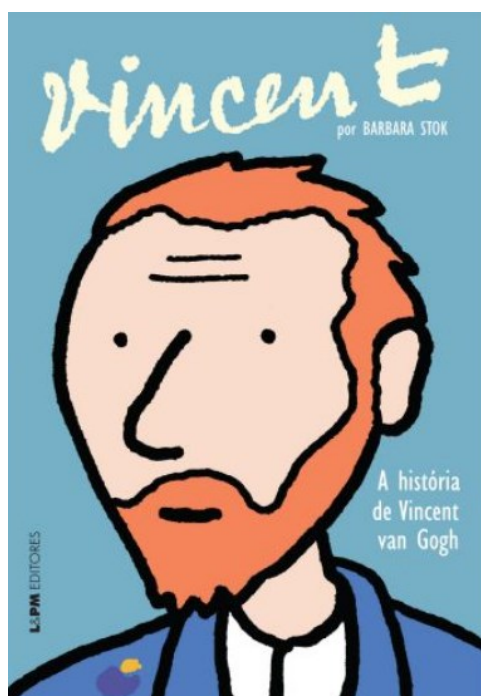
Van Gogh pintava para viver: “[...] preciso menos de companhia que de um trabalho desenfreado, e eis por que encomendo tão descaradamente telas e cores. E só assim que eu sinto a vida, quando trabalho duro” (VAN GOGH, 2002).

A fim de compreender como os elementos componentes da identidade de marca podem se manter ao longo do tempo, fortalecendo sua comunicação e influenciando seu público determinante, é necessário que a concepção do que significa marca seja compreendida.

VINCENT

O traço singelo e autêntico de Stok salta aos olhos desde o título do livro, em amarelo-limão. Sobre um fundo azul-claro, Van Gogh é ilustrado, já na capa da HQ, com uma expressão perturbada, de cenho franzido, como comumente foi retratado e autorretratado; um paletó azul, um pingo de tinta amarela (Figura 2).

Figura 2 – Vincent



Fonte: L&PM Editores

A HQ tem início com a saída de Vincent de Paris e sua ida para Arles. Stok imprime a Vincent, sob um traço limpo e simples, uma delicadeza que equilibra cores e formas. A autora não se furta à representação das preocupações descritas pelo artista nas cartas ao irmão. Era uma de suas ambições produzir para restituir a Théo os investimentos que permitiram que seguisse pintando suas telas. Por esse motivo, Vincent trabalhou incansavelmente até seus últimos dias, ainda que, em dados momentos, fosse menor sua força que sua perturbação.

É notável a fidelidade, por parte de Stok, às cores essenciais, mencionadas pelo pintor nas cartas ao irmão. O amarelo, percebido e retratado com tamanha sensibilidade por Vincent, está presente ao longo do livro, no céu, no sol, nas construções arquitetônicas, nas estrelas, nos tubos de tinta, nos acessórios do artista. Da mesma maneira, são onipresentes o vermelho, o azul, o laranja, o lilás e os mais diversos tons de verde, retratando ambientes internos e externos.

Para além das cores, o vento é também um elemento das cartas a que Stok oferece muita visibilidade. O vento está na linha que se ondula no céu, na envergadura das árvores, no desenho das nuvens, no movimento do cabelo de Vincent diante da tela e do cavalete, nas roupas do pintor e dos transeuntes. É o vento presente nos movimentos representados pelas pinceladas que levam o pintor a ser considerado precursor do expressionismo. O vento está ainda no cair

da chuva, no balançar dos cavaletes, nos objetos caídos, no arar das terras, no voo dos pássaros.

Ao longo da HQ, são incorporadas sete cartas de Vincent a Théo e duas de Théo ao irmão. Abreviadas, as cartas mantêm a linguagem originalmente formal, mas simples, bastante íntima e sensível, como parece ter sido a relação dos irmãos.

As crises e os episódios depressivos são ilustrados com muita sensibilidade por meio de linhas em diversos movimentos e diferentes cores, contrastes, ângulos. Stok ilustra ainda os processos de produção de muitos dos quadros de Van Gogh, como os de girassóis, os campos lavrados, Quarto em Arles, A Noite Estrelada. Na Figura 3, um esboço do quarto do pintor em Arles, constante em carta de Vincent a Théo, em 1888.

Figura 3 – Esboço e Quarto em Arles



O incidente da mutilação da própria orelha é representado, entre as páginas 86 e 87, sob muitas formas que, ao mesmo tempo, organizam e desorganizam o caos, transmitindo ao leitor a sensação de perturbação promovida pela crise vivenciada por Vincent. Além das formas indicativas de movimento, fica evidente a reunião das cores tidas pelo pintor como essenciais, aqui em tons mais fortes e também mais contrastadas entre si.

Estão presentes ainda elementos que fortalecem o retrato da torturante inquietação que parece ter acometido o pintor naquele momento: seu retrato diante do espelho, que aponta para suas autorrepresentações, tão famosas; a tinta vermelha, na ponta do pincel, na lâmina cortante e nas mãos tingidas de sangue; as estrelas imersas em um céu inquieto; as mãos na cabeça, reveladoras do potente mal-estar; o grito da mulher com quem Vincent se relacionava e que, diz-se, ter sido a destinatária da orelha cortada, enviada pelo próprio pintor por meio de um sentinela. Na Figura 4, o pintor retratado por si mesmo, depois do incidente.

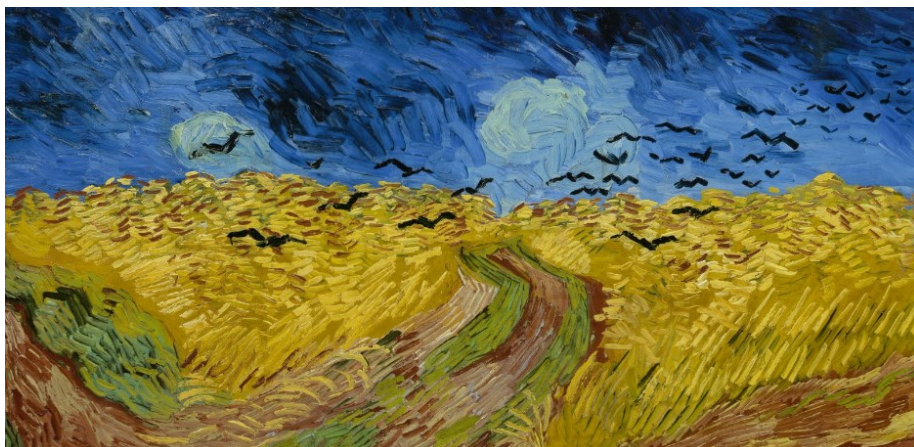
Figura 4 – Autorretrato com orelha enfaixada (1889)



Fonte: Internet

Stok opta por finalizar seu recorte na visita de Jo e Théo a Vincent, em Auvers-sur-Oise. Depois de um profundo diálogo com o irmão, em que conversaram sobre o futuro, sobre os problemas de saúde e sobre a necessidade de continuar, Vincent é ilustrado diante da tela e do cavalete, pintando um céu azul em uma campina, possivelmente o Campo de trigo com corvos, de 1890 (Figura 5).

Figura 5 – Campo de trigo com corvos (1890)



Fonte: Internet

A última ilustração do livro são os túmulos dos dois irmãos, lado a lado, em Auvers-sur-Oise, onde Vincent foi enterrado e para onde foram levadas as cinzas de Théo, seu eterno amigo e companheiro.

A CARTUNISTA

Barbara Stok, além de ilustradora, é fotógrafa e jornalista. A artista nasceu em 1970, em Groningen, na Holanda, e estreou como cartunista em 1998. A HQ Vincent é o oitavo livro de Stok, projeto em que recebeu apoio de Museu Van Gogh, de Amsterdã – fundado por Vincent Willem, “o pequeno Vincent”, filho de Théo e Jo, em 1973 –, onde estão disponíveis pinturas, desenhos, cartas e outros materiais do pintor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Arte, loucura e genialidade. Distanciadas no tempo, tanto Cartas a Théo quanto Vincent se apresentaram como grandes obras para introdução à vida de Van Gogh. As cartas, ainda que traduzidas, colocam o leitor em um estado mais próximo do pintor, perto de seus pensamentos e desejos mais íntimos, suas percepções sobre o mundo, suas certezas e frustrações, motivos e desenganos. A HQ, por sua vez, realiza uma releitura moderna, sensível e fiel às palavras de Vincent, transmitindo as preocupações e o interesse do pintor por uma busca pelo sentido da vida. Resume ele:

[...] Em suma, eu não sei nada, mas justamente este sentimento de não saber torna a vida real que vivemos atualmente comparável a um simples trajeto de trem. Andamos depressa, mas não distinguimos nenhum objeto de muito perto, e sobretudo não conseguimos ver a locomotiva. (VAN GOGH, 2002).

E assim, coloca seus admiradores, por meio de suas palavras e de sua arte, em alerta para uma vida que possa ser sentida em plenitude e vivida até o limite. Seus relatos são um convite a olhar para o mundo atentamente, de forma a reconhecer e respeitar o tempo de acontecimento de todas as formas de vida.

Expressions of the wind: adaptation of Letters to Theo for comics

ABSTRACT

Based on Vincent van Gogh's letters to Theo van Gogh, this comparative study examines how the Dutch painter mentioned the wind during his last years in Arles, southern France. It also explores Barbara Stok's portrayal of the same element in her graphic novel, Vincent: The Story of Vincent van Gogh. Both works offer significant insights into Van Gogh's art and thoughts.

KEYWORDS: Vincent van Gogh. Theo van Gogh. Arles. Wind.

REFERÊNCIAS

AIDAR, Laura. A Noite Estrelada de Van Gogh: análise e significado do quadro. Cultura Genial. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/quadro-a-noite-estrelada-de-vincent-van-gogh/>. Acesso em: 9 dez. 2021.

Barbara Stok. Vida & Obra. L&PM Editores. Disponível em: https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805135&SecaoID=0&SubsecID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=848491. Acesso em: 19 dez. 2021.

STOK, Barbara. Vincent: a história de Vincent van Gogh. Tradução de Camila Werner. 4. ed. Porto Alegre: L&PM, 2020.

VAN GOGH, Vincent. Autorretrato com orelha enfaixada. 1889. 1 pintura. Disponível em: <https://www.vangoghmuseum.nl/nl/collectie/F0527#details>. Acesso em: 19 dez. 2021.

VAN GOGH, Vincent. Campo de trigo com corvos. 1890. 1 pintura. Disponível em: <https://www.vangoghmuseum.nl/nl/collectie/s0149V1962>. Acesso em: 19 dez. 2021.

VAN GOGH, Vincent. Cartas a Théo. Tradução de Pierre Ruprecht. Porto Alegre: L&PM, 2002.

VAN GOGH, Vincent. Flor de amendoeira. 1890. 1 pintura. Disponível em: <https://www.vangoghmuseum.nl/nl/collectie/s0176V1962>. Acesso em 19 dez. 2021.

VAN GOGH, Vincent. [Sem título]. 1888. 1 gravura. Disponível em: <https://www.vangoghmuseum.nl/nl/brieven/collectie/d0311V1970>. Acesso em: 19 dez. 2021.

Recebido: 21 dez. 2021.

Aprovado: 18 dez. 2022.

DOI: 10.3895/rde.v13n22.15059

Como citar:

OLIVEIRA, A.B. Expressões do vento: a adaptação de Cartas a Théo para HQ. R. Dito Efeito, Curitiba, v. 13, n. 22, p. 58-69, jul./dez. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.utfr.edu.br/de/>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

